

VITÓRIAS E DERROTAS DE UM FUTEBOL MESTIÇO: APONTAMENTOS SOBRE O PRECONCEITO RACIAL NO BRASIL

Resultado de Investigação Finalizada

GT 23 - Sociologia do Esporte, Ócio e Tempo Livre.

Miguel Archanjo de Freitas Junior¹
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) - Brasil
Fundação Araucária - Paraná

Resumo

O objetivo do presente estudo foi mostrar o papel atribuído e exercido pelo futebol nacional, no contraditório processo de inserção da sociedade brasileira na modernidade dos anos de 1950. Constatou-se que os agentes esportivos participaram do movimento intelectual e ideológico da construção de imaginários sobre o Brasil moderno. A análise documental revelou alguns dos grandes temas tratados pela intelectualidade brasileira, entre os quais, um dos principais era questão racial. Tais apontamentos servem de referência para que se possa perceber a presença do racismo na sociedade brasileira, colocando em xeque o mito da democracia racial, já que o racismo é uma presença ausente, que não deve ser tratado como uma simples oposição entre verdade e mentira.

Palavras Chave: Futebol. Racismo. Modernidade

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano tem como fundamento a remoção dos obstáculos que restringem as escolhas dos indivíduos – obstáculos socioeconômicos, como pobreza e analfabetismo, ou institucionais, como censura e repressão política. O Brasil convive, há séculos, com uma barreira que trava o desenvolvimento humano de parte significativa de sua população: o racismo, que se apresenta como um obstáculo de caráter tanto institucional (por meio de políticas que ignoram a população negra e indígena) quanto socioeconômico (por meio da desigualdade social que segrega parte da população nas áreas mais pobres do país).

ONU – Relatório de desenvolvimento humano (Brasil, 2005)

Abordar questões raciais no Brasil é uma atitude que necessita de bastante sutileza, pois quem procura analisar este tema normalmente depara-se com o mito da democracia racial, por meio do qual o brasileiro não aceita ser chamado de racista, preferindo acreditar que escapou deste ideal discriminatório e que vive em um país liberal, onde as pessoas são valorizadas pelo seu esforço e dedicação, independente da cor da sua pele.

Se este tipo de vergonha é decorrente de um recalque do nosso passado escravocrata, se fez parte de uma estratégia de manutenção do poder por parte das elites locais, ou ainda, se é um discurso que busca ser socialmente correto é algo que precisa ser discutido com maior profundidade. No entanto, o que se destaca é que uma simples observação histórica da realidade social brasileira revelará a situação em que viveram/vivem grande parte da população afro-descendente no Brasil.² Mas enquanto isto não acontece, este tema continua sendo alvo de polemicas que são sustentadas por mitos, meias-palavras e preconceitos que acabam distorcendo e muitas vezes superficializando o debate, o qual sente falta de parâmetros legais que permitam definir o que é ser negro no Brasil.

Esta foi uma dificuldade sentida durante o desenvolvimento da nossa tese de doutoramento, que entre outros assuntos, abordava a relação entre o futebol e alguns acontecimentos políticos que

interferiram na tentativa de modernização da sociedade brasileira na década de 1950. Percebeu-se que um tema recorrente, principalmente nos momentos de crise esportiva, foi a desconfiança apresentada por uma parcela da elite brasileira que sentia-se insegura em ser representada por jogadores negros e mestiços.

Se por um lado os documentos consultados (jornais, livros, revistas, boletins de ocorrência da polícia carioca) não nos possibilitou afirmar a presença de preconceitos raciais explícitos no futebol e na sociedade brasileira, por outro lado, as crônicas publicadas no *Jornal dos Sports*³ revelavam o drama vivido pelos literatos, que acreditavam na possibilidade do negro se tornar o símbolo identitário brasileiro. Contudo, ao se depararem com o cotidiano estes cronistas encontravam indivíduos que não eram socialmente rejeitados, mas que também não estavam incorporados na sociedade.

Por isso, optou-se neste estudo, em perceber a forma, as estratégias utilizadas e os processos tensivos presentes nestes documentos, que serviram como um meio para os literatos expressarem o seu desejo de representar o Brasil enquanto uma sociedade moderna e democrática. A leitura dos documentos partiu de dois cuidados básicos; 1) sair das prisões interpretativas dos contextos econômicos ou políticos que tudo explicam/simplificam; 2) afinar a sensibilidade para uma lógica específica presente nas representações sobre o futebol, tema que é marcado pela contradição e pela ambigüidade, e que desta maneira torna-se irredutível à lógica racional. A partir destes pressupostos buscou-se sustentação na teoria dos Campos de Pierre Bourdieu (2001), que nos permitiu compreender as estratégias utilizadas pelos cronistas para tentar legitimar-se no seu campo, ao mesmo tempo em que buscavam seduzir os seus leitores, seja através da utilização de uma linguagem simples e romântica, da repetição do seu pensamento, do silenciamento e da criação de mitos. Estes fatos foram percebidos a medida que realizou-se uma leitura sistemática dos jornais do período escolhido, atitude que é identificada por Bardin (1977, p.31) como leitura flutuante e que serve para o pesquisador identificar os posicionamentos dos agentes sobre um determinado assunto.

Inicialmente optou-se em recuperar o pensamento de Gilberto Freyre, tendo em vista o pensamento deste intelectual influenciou diretamente os posicionamentos de diversas gerações, que passaram a perceber as relações raciais no Brasil sob uma nova perspectiva. Fato que fica explícito na maior parte das crônicas presentes no *Jornal dos Sports*, principalmente aquelas que foram escritas pelos irmãos Nelson e Mario Filho, para os quais o jogador negro brasileiro apresentava todas as virtudes necessárias para se tornar símbolo da identidade nacional.

O final da década de 1950 nos apresenta um cenário marcado pela tentativa de modernização do país e pela tentativa de superar a frustração dos resultados da Copa do Mundo de 1950 e 1954, das quais surgiram inúmeras suspeitas sobre o comportamento dos jogadores negros e mestiços. Este fato é destacado na segunda parte deste trabalho, onde aborda-se o Projeto Paulo Machado de Carvalho, o qual foi aplicado na seleção brasileira de 1958 e que pode ser visto como uma tentativa de civilizar os nossos jogadores pobres, negros e mestiços.

I - O pensamento de Gilberto Freyre: apontamentos para a valorização do negro brasileiro.

Tamanha foi a relevância do pensamento deste intelectual, que ele acabou sendo fator preponderante para que o Brasil fosse escolhido pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) como uma espécie de laboratório para o desenvolvimento de um projeto que objetivava analisar questões inter-raciais, principalmente como uma forma de tentar encontrar respostas à crise social gerada a partir do holocausto (CHOR, 1997). Este fato é bastante significativo, pois ele acontece num contexto em que a sociedade brasileira era vista no exterior como um exemplo de “Democracia Racial”. Mesmo não tendo utilizado explicitamente esta terminologia em seus escritos,

Gilberto Freyre foi um dos autores que mais influenciou na criação desta imagem positiva sobre o Brasil.⁴

Os escritos de Gilberto Freyre, não influenciaram somente o pensamento de entidades políticas internacionais. Muitas das interpretações realizadas sobre a sociedade brasileira reproduzem consciente ou inconscientemente parte dos argumentos sistematizados e apresentados por esse autor, servindo como fomento para o inesgotável debate sobre as teorias raciais no Brasil.⁵

Freyre (1938) defendeu a tese de que o problema do país estava relacionado às disparidades sociais e culturais, mas não com a cor da pele da sua população. Na sua concepção, a singularidade brasileira se apresentava na convivência harmoniosa entre as diferentes pessoas. Algo expresso por meio da miscigenação que, para ele, era um dos principais símbolos da identidade brasileira.

Diferentemente de grande parte da intelectualidade local, que tinha vergonha da cor e da raça que compunham o povo brasileiro, Gilberto Freyre, transformou as características negativas atribuídas para os negros/mestiços em elementos positivos, que simbolizavam a identidade do homem brasileiro. Utilizando-se de um discurso romântico, destacou as virtudes resultantes das relações estabelecidas entre raças diferentes, as quais se tornavam mais efusivas na prática do futebol:

Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, tem alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. (FREYRE, 1938)

De acordo com Freyre qualquer objeto que fosse importado (pode-se incluir o futebol) seria adaptado no Brasil, pela nossa cultura híbrida, o que deveria ser considerado a essência da nossa identidade. O valor da cultura brasileira, para esse autor, está na relação estabelecida com os antagonismos sociais – como razão e irracionalidade, primitivo e civilizado, escravo e senhor, brancos e negros –, pois é a partir dessa convivência tensa, porém harmoniosa, que se criou a riqueza da nossa cultura, a qual foi sintetizada e expressa por este intelectual através da figura do mulato.

As suas crônicas mostram que, ante a rigidez corporal do europeu, o negro brasileiro havia introduzido o meneio dos corpos. Este, por sua vez, não seria uma criação do futebol. A agilidade física descendia diretamente das manifestações da música popular e do folclore; sejam os requebros de quadril originários do carnaval, os passos sinuosos advindos do samba e a ginga de esquiva proveniente da capoeira. Nesse sentido, a legitimidade do futebol na cultura brasileira se amparava na música, um elemento já consolidado como critério de brasilidade.

É importante destacar que esse autor não coloca tais elementos, aparentemente contraditórios, como categorias excludentes, uma vez que, para ele, a diferença da sociedade brasileira está na maleabilidade, na adequação das diferentes situações, de maneira que se tornou possível uma convivência harmoniosa. Tal reflexão colaborou para a criação de um mito, em que as tensões foram substituídas por relações pacíficas, levando a uma visão idílica da realidade, através da qual foi possível acreditar que não havia racismo no Brasil, mesmo que Freyre jamais tenha afirmado isso.

O escritor de “Casa Grande & Senzala” foi um intelectual perspicaz, capaz de atribuir grande carga simbólica aos acontecimentos praticamente insignificantes para a sociedade da época (início do século XX). O futebol pode ser visto como um exemplo dessa situação, pois, ao tratar desse objeto, ele destacava a atuação dos jogadores, colocando em segundo plano o resultado das partidas. A estratégia lhe possibilitou criar um imaginário em torno de um jogo bonito e artístico, que se tornou a identidade

do futebol brasileiro, visto como uma adaptação do jogo europeu que era apresentado como sendo feio e mecânico:

De maneira inconfundível formou-se um estilo brasileiro de futebol; e esse estilo é uma nova expressão da nossa mulatice, perito em assimilação, domínio e abrandamento coreógrafo sinuoso e musical das técnicas europeias e norte-americanas, que são muito angulosas para o nosso gosto – trata-se de técnicas de jogo ou de arquitetura. Pois nosso tipo de mulatice [...] é inimigo do formalismo apolíneo, é o dionisíaco na sua mobilidade. [...] No futebol, como na política, a mulatice brasileira caracteriza-se pelo prazer da elasticidade, da surpresa, da retórica, que lembra passos de dança e fintas de capoeira. (FREYRE, 1945. p.421-222)

A sua estratégia de valorizar as qualidades do jogador e/ou do país, independente do resultado da partida, foi reutilizada na década de 1950 por cronistas como Nelson Rodrigues e Mario Filho. Uma leitura mais cuidadosa das crônicas do *Jornal dos Sports*, durante a década de 50, revela a influência do pensamento de Gilberto Freyre, principalmente na forma reiterada, pela qual os autores representavam a identidade brasileira, a partir da miscigenação; da valorização de qualidades vistas como naturais nos jogadores, tais como o improviso, a ginga e a malícia; e da diferenciação do futebol brasileiro enquanto arte e o futebol europeu baseado na força. É o que demonstra Nelson Rodrigues ao tratar do assunto:

E há também um recurso, que trazemos no bolso, e que parece de primeiríssima ordem. Refiro-me a inimitável molecagem carioca [...] a molecagem é uma das nossas manifestações vitais mais esplêndidas e fidedignas. Insisto: boas maneiras num patricio meu, soam-me como falsificação de caricatura. (17 jun.1958)

Se para os cronistas esportivos, que embebidos em Freyre mostravam o futebol *flamboyant* como resultado da síntese cultural entre as diferentes raças, não podemos ignorar o fato de que havia por parte da elite dirigente do país uma preocupação em torno da forma com que o Brasil seria representado, principalmente porque grande parte dos jogadores locais apresentavam vários problemas de saúde, baixo nível cultural e uma estética que não correspondia com o padrão elitista idealizado, que tinha no europeu o seu tipo ideal.

II- Plano Paulo Machado de Carvalho: se não podemos ser brancos bonitos, vamos pelo menos civilizar nossos mestiços.

Após observar os vários fatores que influenciaram negativamente os jogadores e a imagem do Brasil nas Copas do Mundo de 1950 e 1954⁶, um grupo de jornalistas e dirigentes esportivos, escolhidos pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), recebeu a incumbência de criar um Projeto Modernizador para o selecionado nacional, que representaria o país na Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Em última instância, pode-se dizer que as elites locais estavam envergonhadas por serem representadas pelos negros/mulatos, incultos, desdentados e com grandes dificuldades de autocontrole em situações de adversidade.

Não se trata de um projeto voltado para a conscientização dos jogadores, mas uma tentativa de educá-los, por meio de um planejamento de cunho pedagógico, que buscou modificar a aparência física, os hábitos culturais e o comportamento dos jogadores brasileiros, de maneira que eles conseguissem representar a imagem de um país moderno, que havia superado o atraso sócio-cultural – normalmente atribuído a mitos como a mistura de raças e a falta de autocontrole do homem brasileiro.

Neste momento o esporte brasileiro acompanha uma cultura política baseada no desenvolvimentismo proposto por JK, que influenciava e contagiava positivamente os diferentes segmentos da sociedade brasileira. A idéia de desenvolvimento econômico, embora mais ampla, estava associada à idéia de riqueza nacional construída pela industrialização: nação desenvolvida era, necessariamente, nação industrializada. Para que isso ocorresse, se fazia necessário criar um homem maior que a natureza, livre de suas determinações. Se a natureza tem lógica própria, vencê-la implica impor a lógica do homem, aquela que lhe permite, pelo trabalho, pela técnica e pela previsão, acumular transpondo a condição de pobreza que a natureza supõe.(GOMES, 2002, p.17-22).

O planejamento da CBD caminha nessa mesma linha, buscando fazer com que os jogadores suplantassem aquilo que os dirigentes consideravam um comportamento natural. Por isso, “O relatório de Havelange não deixava dúvidas – Quem não se ajustasse ao programa que fizemos com a ajuda de médicos e psicólogos seria cortado da seleção. Só iria para a Copa da Suécia quem estivesse mentalmente preparado”.(RODRIGUES, 2007, p.63)

Mario Filho descreveu estes acontecimentos da seguinte forma:

[...] A CBD queria levar o menor número de pretos para a Suécia. Não esquecera 56, o relatório de Flávio Costa aconselhando, por causa do preto Sabará, a convocação só de jogador que, pelo menos, soubesse vestir-se e sentar-se a uma mesa. Daí a preocupação de um escrete, senão branco, o menos preto possível. Ainda se discutia a deterioração do mulato, mais do mulato do que do preto, em clima nórdico. Portanto a preocupação da CBD não era racista: ela acreditava mais no branco para jogar no frio, embora a época do campeonato do mundo caísse no verão sueco. A prova do não-racismo está na convocação dos mulatos e pretos que acabaram jogando e contribuindo, decisivamente, para a vitória brasileira.[...] A preocupação em embranquecer o escrete chegou a tal ponto que na estréia contra a Áustria o único preto foi Didi. Era uma posição, a de Didi, em que não havia escolha. O reserva era outro preto: Moacir. Onde se podia escolher entre um branco e um preto ficava-se inicialmente com o branco.(p.322-323)

Essas palavras de Mario Filho foram escritas após a vitória do selecionado brasileiro na Copa do Mundo da Suécia. Logo, trata-se de um olhar retrospectivo, no qual o autor aponta uma questão de preferência e maior confiança nos jogadores brancos. Se observada a seleção que iniciou a Copa, é difícil não ser influenciado pelo discurso romântico do cronista. Algo retratado inclusive na biografia de um dos jogadores que participou daquela Copa do Mundo. Segundo Nilton Santos (2000):

Nunca a ciência pesquisara tão fundo para descobrir o porquê do time brasileiro ter bons jogadores, mas não conseguir se superar em campo, não conquistar nenhum título mundial. Será que os nossos atletas eram covardes? Relatórios médicos foram feitos, sigilosamente, para a CBD. Chegaram a conclusão de que o problema do brasileiro estava na alma dos jogadores, que eram muito nostálgicos, sentiam muita falta de casa, da comida, principalmente os negros, que eram emocionalmente mais instáveis. Portanto, o time na estréia da Copa deveria ser o mais branco possível.(p.74)

Não é possível confirmar a existência do relatório citado por Nilton Santos, da mesma forma que não é possível afirmar que a equipe brasileira, que estreou na Copa do Mundo, foi determinada a partir de questões raciais. De acordo com diversas crônicas divulgadas no *Jornal dos Sports*, bem como

a autobiografia de Pelé, constata-se que este se machucou no último amistoso realizado no Brasil. Caso houvesse realmente a intenção de evitar a presença de atletas negros na equipe brasileira que iria para a Europa, o que teria levado esse atleta negro (que ainda não era o rei do futebol) a ser mantido na equipe mesmo após uma gravíssima contusão?

É interessante perceber que em 1958 não houve por parte da CBD, aparentemente, qualquer boicote ou preferência entre jogadores negros e brancos. A comissão técnica que dirigia a equipe optou por colocar em campo os jogadores que se apresentavam em melhor condição física, técnica e tática, naquele momento. Isso pode ser melhor compreendido a partir do veto a Garrincha durante as primeiras partidas. Na biografia desse jogador, o próprio Ruy Castro justifica a sua ausência mostrando que o observador do selecionado nacional, o professor de futebol do curso de Educação Física da Universidade de São Paulo, Ernesto Santos foi para a Europa um ano antes do início da Copa do Mundo, a fim de observar os adversários do Brasil. E, durante a Copa do Mundo, ele utilizava as suas anotações para fornecer subsídios à comissão técnica sobre a melhor maneira de escalar a equipe.⁷

Se dentro do campo a racionalidade começa a pautar as decisões da comissão técnica, fora dele as mensagens emitidas pelos literatos por meio das crônicas esportivas, revelam uma forma de externar o desejo de que o futebol fosse o meio de emancipação dos indivíduos de cor. Os cronistas buscavam vincular o sucesso do futebol a uma das formas de o negro ser aceito e, conseqüentemente, “embranquecer”.

Considerações Finais.

A análise do futebol auxilia na compreensão do contraditório processo – aberto pela expansão capitalista – de inscrição da sociedade brasileira na modernidade. Alguns cronistas, por vezes, edificaram uma imagem dramatizada da angústia nacional em superar o atraso; em vencer o racismo como prova de civilização e progresso. Assim, esse esporte se apresenta como possibilidade de leitura do “caráter nacional brasileiro”, em que o fracasso de 1950 foi descrito como a evidência de um povo despreparado. Fato este que vem a se repetir em 1954, quando se chegou a acreditar que devido ao seu povo miscigenado o Brasil era um país naturalmente derrotado.

Após essas derrotas, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), ao acompanhar o esforço modernizador presente no país, propôs um plano de atualização para o futebol nacional: levar para a Copa do Mundo de 1958, realizada na Suécia, uma equipe escolhida a partir de um perfil idealizado para o homem brasileiro, que tinha como referência o *ethos* de uma elite letrada⁸, responsável por criar e aplicar tal planejamento. Acompanhando a cultura política daquele momento, quando a transformação de vários segmentos sociais ocorria de forma acelerada, buscou-se modificar a aparência física e psicológica dos atletas que iriam representar o povo brasileiro. De modo que estes refletissem a imagem idealizada em torno de um povo culto, educado e saudável, que serviria como exemplo bem sucedido de um país que havia superado o atraso sócio-cultural – normalmente atribuído à mistura de raças e à personalidade do homem brasileiro.

Em 1958, momento pleno de euforia do desenvolvimentismo, da construção de Brasília e das manifestações artísticas de vanguardas, o selecionado nacional deixou o país sob vaias e descrédito por parte dos torcedores.⁹ Surpreendentemente, a seleção conquistou na Europa a sua primeira Copa do Mundo, contribuindo para a construção de um novo imaginário coletivo¹⁰, que tem no governo de Juscelino Kubitschek o ápice de um modelo vitorioso de modernidade.

Contudo, diante do projeto estabelecido pela CBD, a geração literária do *Jornal dos Sports* optou em rejeitá-lo, por entender que este não correspondia aos princípios de autenticidade idealizada para o povo brasileiro. Estes agentes preferiram continuar utilizando um discurso sustentado pela valorização dos dons naturais dos jogadores, em oposição aos ideais modernizadores que, de acordo

com os primeiros, eram eivados de valores europeus e desprovidos de paixão – elemento fundamental para o sucesso do futebol.

O retrato do Brasil, por meio do futebol, revela, a seu modo, alguns dos grandes temas tratados pela intelectualidade brasileira, entre os quais um dos principais dilemas estava a questão racial. Tais apontamentos servem de referência para que se possa perceber a presença do racismo na sociedade brasileira, o que coloca em xeque o mito da democracia racial, já que o racismo é uma presença ausente, que não deve ser tratado como uma simples oposição dual entre verdade e mentira. Mesmo de maneira sutil, o racismo aparece em diferentes momentos da história brasileira, em que os direitos individuais legalmente outorgados não são legitimados na prática social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Editora 70.

BURKE, Maria Lúcia Pallares (2005). *Sobre Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: UNESP.

CASTRO, Ruy (1995). *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Artes.

DURKHEIM, Émile (1989). *Da divisão do trabalho social*. Lisboa: Editorial Presença.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo (2009). *No meio do caminho: tensões presentes nas representações do futebol e no ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

FREYRE, Gilberto (1993). *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Maia e Schimdt.

JORNAL DOS SPORTS. *Uma seqüência para a história*. Disponível em: <<http://www.jsports.com.br/superman/js/história.html>>. Acesso em 15 jun. 2006

JORNAL DOS SPORTS. *Scratch brasileiro viaja para a Europa sob suspeita dos torcedores*. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1958.

LOPES, Carlos; MOREIRA, Diva; ALMEIDA, Guilherme Assis; LIBÂNIO, José Carlos & OSÓRIO, Rafael Guerreiro (2005). *Relatório de Desenvolvimento Humano: Racismo, pobreza e violência* (PNUD- Brasil), Brasília.

Notas de Rodapé

¹ Professor do Curso de Licenciatura em Educação Física da UEPG; Professor do Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas da UEPG; Pesquisador do Grupo de Pesquisa Esporte, Lazer e Sociedade da UEPG e Pesquisador do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade da UFPR.

² Dados do Censo de 2000 revelam que o Brasil possui 169,8 milhões de habitantes, dentre os quais 76,4 milhões são pessoas negras (pardos e pretos), o que corresponde a 45% da população do país. No mesmo sentido, dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Economia Aplicada) demonstraram que em 1999 os negros representavam 64% da população pobre e 69% dos indigentes no Brasil. Sobre esta questão vale a pena cf. LOPES, Carlos (et all). *Relatório de Desenvolvimento Humano: Racismo, pobreza e violência* (PNUD- Brasil). Brasília, 2005.

³ É um dos primeiros jornais do Brasil a tratar especificamente de assuntos esportivos. Foi criado no Rio de Janeiro com o nome de *Rio Sportivo*. Por volta de 1930, ocorre uma fusão entre o primeiro proprietário e o dono das oficinas onde eram impressos os jornais. Neste momento surge o *Jornal dos Sports*. Em 1936 Mário Filho e Roberto Marinho, tornaram-se

proprietários deste Jornal, mudando a sua estrutura administrativa, sua estética e forma de abordar os assuntos esportivos. Cf. Jornal dos Sports. *Uma seqüência para a história*. Disponível em: <<http://www.jsports.com.br/superman/js/história.html>>. Acesso em 15 jun. 2006

⁴ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Maia e Schimdt, 1933. Vale a pena ressaltar a importância que Rüdiger Bilden teve no desenvolvimento intelectual de Gilberto Freyre, inclusive foi Bilden que estudou o Brasil e o chamou de Laboratório da Civilização, em um artigo que ele publicou para a Revista de Nation em 1929. Sobre este autor e a biografia intelectual de Freyre, vale a pena conferir BURKE, Maria Lúcia Pallares. *Sobre Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: UNESP, 2005.

⁵ Além das fontes selecionadas para este estudo, as quais apontam influências diretas do pensamento de Gilberto Freyre sobre os literatos, pode-se destacar algumas análises contemporâneas que corroboram com este posicionamento. CAPRARO, André Mendes. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. 2007. ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Com o brasileiro não há quem possa!* Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004. Antunes SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mario Filho*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. HOLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

⁶ A este respeito vale a pena cf. FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo. *No meio do caminho: tensões presentes nas representações do futebol e no ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

⁷ CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Artes. p. 153.

⁸ Ethos é um termo de origem grega, que apresenta um entendimento genérico, normalmente servindo para designar o caráter cultural e social de um grupo ou sociedade. Neste estudo ele é entendido à partir da proposição de W. G. Summer, que o compreende como sendo a totalidade dos traços característicos pelos quais um grupo se individualiza e se diferencia dos outros.

⁹ JORNAL DOS SPORTS. *Scratch brasileiro viaja para a Europa sob suspeita dos torcedores*. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1958. p.1-5.

¹⁰ Dürkheim define o imaginário coletivo como sendo “... conjunto das crenças e dos sentidos comuns a média de membros de uma mesma sociedade, que forma um sistema determinado com vida própria”. Cf. DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 32